

MULHERES EM PI LHA DAS

BÍBLIA DA MINISSÉRIE
POR FERNANDO SILVESTRIN

ADAPTAÇÃO DO ROMANCE
DE PATRÍCIA MELO 07/2021

SCARLETH MORTA PELO PADRASTO LINDALVA ESPANGADA
CARLA ABATIDA A TIROS RAYANE ASSASSINADA A
RITA MORTA PELO MARIDO JUBILEE MORTA PELO ES
ENGEL MORTA PELO EX-MARIDO SORAIA ESTRANGULADA
DANIELA MORTA PELO EX-NAMORADO JACQUELINE AS
LILIAN MARIA MORTA PELO PAI SUSZANE ESPANGADA
ELAINE MORTA PELO CUNHADO TAITA PROJÉTIL NA
ROSANA MORTA PELO TIO MARGIANE ESTUPRADA E
DEUSA MORTA PELO ESTADO TRI MORTA PELO EX-MA
HELENA ESFAQUEADA PELO NAMORADO LÍVIA ESTUPR
RUSYLEID ASSASSINADA A GOLPES DE FACA MAGAL
SILVANA ASSASSINADA A TIROS JOELMA MORTA PE
INDIZETE ESTRANGULADA BIA ABATIDA A TIROS ELO
ENGEL SOFIA ESPANGADA ABIGAIL MORTA PELO IRM
NAIA JOGADA DO QUARTO ANDAR TXUPIRA MORTA P
TAITA PROJÉTIL NA CABEÇA FÁBIO MORTA PELO M
RAYANE MORTA PELO COMPANHEIRO FERNANDA MOR
SORAIA ESTUPRADA E DEPOIS ASSASSINADA ASSAS
JACQUELINE MORTA PELO SOGRO MÁRIA LÚCIA MO
JUBILEE MORTA PELO AMANTE ALESSANDRA JOGADA
SUSZANE MORTA PELO IRMÃO TATIANA MORTA PELO
DEGMAR MORTA PELO MARIDO CARMEN PROJÉTIL NA
FÁBIO MORTA PELO EX-MARIDO DANIELA ESTRANG
TATIANA MORTA PELO EX-NAMORADO ROSANA ESPAN
MARGIANE MORTA PELO PAI SCARLETH ESFAQUEADA
ALESSANDRA MORTA PELO CUNHADO ELAINE MORTA
FERNANDA MORTA PELO TIO LILIAN MARIA ESPANGA
ELOÁ MORTA PELO ESTADO ENGEL ASSASSINADA A
MÁRIA LÚCIA ESFAQUEADA PELO NAMORADO RITA JO
CARMEN MORTA PELO PADRASTO CARLA ESTRANGULA
MAGALI MORTA PELO MARIDO SORAIA ASSASSINADA

O SEU SILÊNCIO NÃO VAI TE PROTEGER

MULHERES EMPILHADAS é uma minissérie de dez episódios. O drama, baseado no romance “Mulheres Empilhadas” (2019), de Patrícia Melo, propõe um olhar geracional sobre a cultura do estupro, feminicídio e misoginia estrutural num país marcado pela violência de gênero. E assim, como no romance-denúncia, a minissérie busca, além de um comentário político e social, contribuir para um debate urgente da realidade brasileira.

MULHERES EMPILHADAS é um “filme” de 10 horas de duração. Enquanto a trama ficcional apresenta um drama judicial, com fortes elementos de thriller policial e mistérios psicológicos, a verdadeira tragédia infelizmente atravessa a ficção. Ela ocorre diariamente na vida das brasileiras — a cada dez horas, cinco mulheres morrem no Brasil vítimas de violência. O país tem a quinta maior taxa de feminicídio no mundo.

A adaptação (e re-interpretação) cinematográfica do romance conta a história de uma jovem advogada no início da carreira profissional. Ana é encarregada de acompanhar diversos processos de feminicídio no interior do Acre, e diante de um estado falido, ela luta pela própria sobrevivência numa cidade sem lei. Após sofrer um tapa do namorado, Ana desenterra lembranças de um passado obscuro, envolvendo a morte trágica da mãe num acidente de carro e a prisão do pai, um famoso jogador de futebol na década de 1980.

Nessa viagem, ou fuga, envolta nos mistérios das tradições indígenas da região e assoberbada pela violência ao seu redor, Ana mistura presente e passado, realidade e pesadelo, razão e delírio. Sua busca pessoal vai impulsionar novas tragédias e novos crimes vão se juntar a trama, possibilitando que ela resgate, dessa imensa pilha de cadáveres ao seu redor, o seu próprio enigma.

MULHERES EMPILHADAS - MINISSÉRIE
DRAMA JURÍDICO/THRILLER
10 EPISÓDIOS
1HR/EPISÓDIO



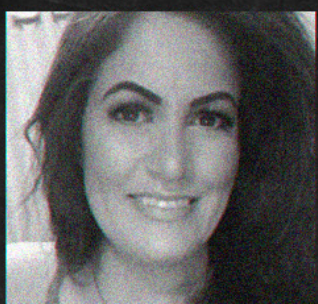


10 mil casos abertos.

† Lilian Maria morta pelo pai † Suzzane espancada † Elaine morta pelo cunhado † Taita projétil na cabeça † Rosana morta pelo tio † Marciane estuprada e depois assassinada † Deusa morta pelo Estado † TRT morta pelo ex-marido † Helena esfaqueada pelo namorado † Livia morta pelo tio † Rusyleid assassinada a golpes de faca † Magali assassinada a tiros † Joelma morta pelo sogro † Eloá Engel morta pelo sogro † Indizete estrangulada † Bia abatida a tiros † Sofia espancada † Abigail morta pelo irmão † Naia jogada do quarto andar † Txupira estuprada e depois assassinada † Taita projétil na cabeça † Fabíola morta pelo marido † Rayane morta pelo companheiro † Fernanda morta pelo amante † Soraia estuprada † Jacqueline morta pelo sogro †

Fernando Silve
HH 20
t: + 49 1
e-
mulheresempilhadas

01 julho 2



UMA TRAGÉDIA GERACIONAL

O tapa no rosto da protagonista é o catalisador do drama e a ponte entre a história do seu passado e a história de uma nação, onde o feminicídio é naturalizado pelo Estado e pela sociedade. Esse deslocamento no tempo, a partir dos quatro anos de idade até a fase adulta da personagem (1987 - 2013), além de permitir maior aprofundamento do caráter de Ana, amplia a exploração do tema central da minissérie — numa sociedade patriarcal, autoritária e machista, as mulheres continuam sendo as principais vítimas de agressão física, moral e psicológica.

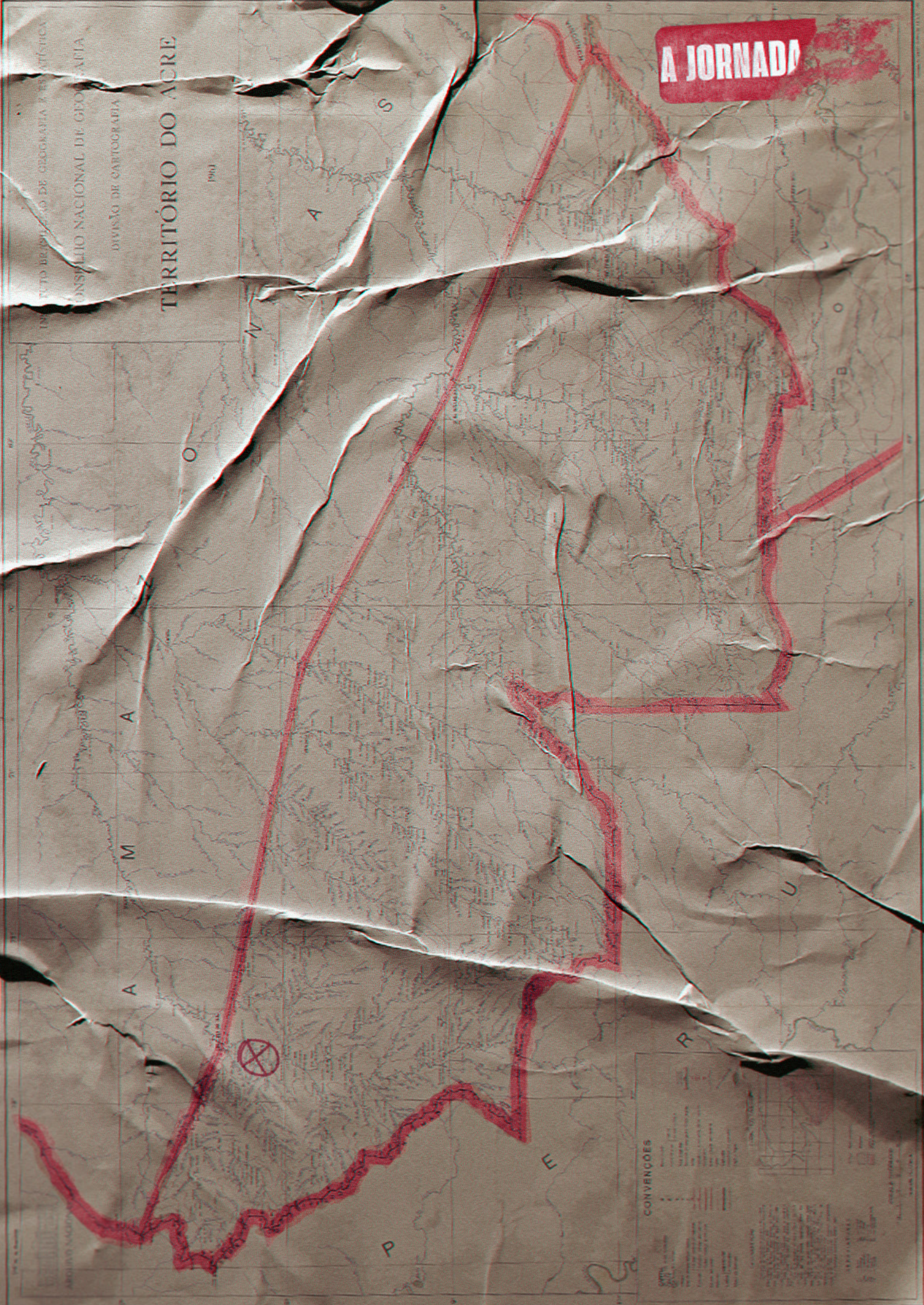
Fora os elementos tradicionais de uma série criminal/judicial, onde quem matou (whodunit) é geralmente o questionamento mais importante a ser respondido, MULHERES EMPILHADAS investiga outros tipos de perguntas, na qual não há respostas óbvias. Por exemplo, como explicar a morte da mãe para uma criança de quatro anos? O que você faz quando descobre que seu pai foi preso por estupro? Como lidar com um trauma da infância? Seria a função do delírio e do mundo onírico revelar uma face oculta dentro de nós? Existe justiça num país que normaliza a violência de gênero?

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
DIVISÃO DE CARTOGRAFIA

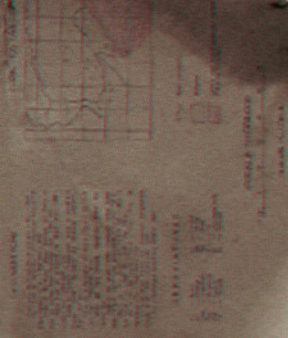
TERRITÓRIO DO ACRE

1961

A JORNADA



CONVENÇÕES



SINOPSE

A minissérie começa numa festa em São Paulo, no ano de 2013. Ana é uma jovem advogada, inexperiente e ingênua. Depois de sofrer um tapa do namorado Amir, ela deixa a avó com Alzheimer e a vida em SP para viajar a trabalho. Ana desembarca em Cruzeiro do Sul, interior do Acre, incumbida de acompanhar um mutirão de processos de feminicídio, como parte de um projeto para a chefe da empresa onde trabalha. O tapa no rosto despertou memórias borradas de um passado trágico. Em 1987, a mãe de Ana desfalece na luta contra os abusos frequentes do marido, Luca de Souza. Conhecido como Luca Alicate, o famoso jogador de futebol na década de 1980, leva uma vida libertina nas casas noturnas da capital paulista quando uma acusação envolvendo o goleiro num estupro coletivo de uma garota de treze anos vem à tona.

No Acre, Ana se familiariza com o caso Txupira, no qual uma índia de 14 anos foi brutalmente estuprada e assassinada por três rapazes, todos herdeiros dos seringalistas que se apropriaram das terras indígenas. Mesmo após flagrar três jurados do caso, com o advogado de defesa dos réus numa festinha particular, Ana não consegue impedir a decisão do júri, que inocenta os três assassinos. Entre julgamentos, a advogada conhece Zapira, uma anciã com poderes xamânicos. Na aldeia, Ana participa da sua primeira experiência com o Ayahuasca e a bebida amarga abre a sua consciência, provocando uma purga espiritual e física. Durante as sessões do chá, Ana revisita atos passados, evocando fragmentos de memórias e num estado dominado por vigorosas experiências visuais, ela se conecta com antepassadas pertencentes a uma tribo formada por guerreiras amazônicas. Nesse contexto onírico, cheio de mirações vívidas, as mulheres lutam contra a violência dos homens opressores.

Assim que a manchete do jornal local expõe os assassinos da índia e o júri corrupto, a cidade se solidariza com os três réus. Depois de ser expulsa do hotel, por suposto envolvimento com a matéria recém-publicada, Ana conta com a ajuda da promotora Carla Penteado. Enquanto as advogadas contemplam as dificuldades do presente no Acre, voltamos para o ano de 1987, quando Luca Alicate descobre que a esposa entrou com um processo de divórcio. Com medo da reação do marido, ela foge com a filha Ana para a casa da mãe, Dona Yolanda. Luca trama a morte da ex-mulher e Ana, com quatro anos de idade, espia o pai livrar-se do corpo morto. Dois anos depois, em 1989, Luca é julgado e condenado a 12 anos de prisão por estupro coletivo de uma adolescente. No presídio, ele sofre abusos e ameaças frequentes das facções criminosas, o que o leva a cometer suicídio.

Vinte e quatro anos depois, em Cruzeiro do Sul, desde que os julgamentos e as investigações dos crimes iniciaram, primeiro do assassinato de Txupira, seguida da morte da jornalista, que publicou a matéria denunciando a corrupção do júri, Ana enfrenta outra forma de violência—a virtual. Em busca de vingança, o ex Amir vaza fotos e vídeos íntimos do casal na internet. Ana, desempregada depois de abandonar o emprego e adiar sua volta à SP, busca ajuda com a ex-chefe para processar o ex-namorado. Na madrugada seguinte, os três réus no caso Txupira são encontrados mortos. A cidade enlutada se volta contra os indígenas, incendiando aldeias como retaliação. Investigada pela polícia e assoberbada pela violência ao seu redor, Ana colapsa dias depois, ao ver o corpo morto da amiga e promotora de justiça Carla Penteado. Aos cuidados de Zapira, Ana inicia seu processo de cura e relembra a morte da mãe com detalhes.

No meio dessa intensa saga pelo interior do Acre, a sensação de empilhamento, caracterizado pelo descaso e pelas atrocidades cometidas contras as mulheres, fica nítida, quando Ana monta um caderno onde registra os casos de feminicídio e os relatos dos familiares das vítimas. Assim que retorna a São Paulo, Ana usa esse material para colocar no ar um site com as histórias dessas mulheres e também registrar seus traumas do passado, recuperados através da ingestão do daime e das experiências oníricas na aldeia. O site viraliza e um movimento contra o feminicídio surge pelo país. A minissérie termina com Ana se tornando a principal porta-voz desse movimento e líder das guerreiras urbanas.



PERSONAGENS (SÃO PAULO)

ANA é uma advogada criminalista inexperiente. As teorias e conceitos que aprendeu na faculdade não se aplicam na prática cotidiana. Ingênua, ela desconhece o funcionamento do corrupto sistema judiciário e penal brasileiro—a vida no interior do Acre será sua nova escola. Criada pela avó, Ana enterrou a mãe quando tinha apenas quatro anos de idade. Dois anos depois, testemunhou a prisão do pai. A infância da advogada é marcada por traumas, e muito do seu passado está envolto em mistérios não resolvidos, que reverberam na vida adulta. Ana leva um tapa no rosto pelo namorado, e sua viagem para o Acre, não é apenas uma fuga do agressor, mas simboliza uma jornada de autoconhecimento, reflexão e cura. É através do caso da índia Txupira, seu primeiro contato com esse mundo desconhecido, e do envolvimento em vários casos de feminicídios, que a protagonista busca justiça contra o seu agressor e contra uma sociedade misógina. Ana encontra no ritual de Ayahuasca, respostas a muitos de seus dilemas pessoais— a descoberta de uma gravidez indesejada, e a revelação de que a morte da mãe foi tramada pelo próprio pai. O amadurecimento durante a sua jornada transforma o silêncio das memórias e o rosto marcado pelo ex-namorado, em força e coragem para vingar a morte dessas mulheres. Ana se torna a porta-voz de um movimento contra o feminicídio.

A viúva **DONA YOLANDA** tornou-se uma avó superpreocupada depois de sepultar a filha. Patologicamente controladora, seu mundo gira em torno da neta Ana, e sua missão é mantê-la alimentada, segura e respirando a qualquer preço—nada mais parece lhe interessar. Anos depois, ela é diagnosticada com Alzheimer e resiste aos cuidados da neta, mas com o agravamento da doença, D. Yolanda acaba sendo internada numa clínica para idosos.

LUCA DE SOUZA, mas conhecido como **LUCA ALICATE** — goleiro do time paulistano A.C.C na década de 1980. Ídolo nacional e um homem socialmente agradável, Luca também gosta da noite e da farra. Freqüentador das requintadas “casas” de São Paulo, mesmo casado, o goleiro tem talento com as prostitutas. Mas a mulher mais importante da sua vida é Ana, sua filha. Entretanto, por trás do bon vivant, do atleta de sucesso, e do pai coruja, há um homem machista e misógino, capaz de tramar a morte da própria esposa. A carreira de futebolista é interrompida quando Luca é condenado a 12 anos de prisão por estupro coletivo (**O caso Alicate**). Na cadeia, ele encontra Jesus Cristo e pede perdão aos pecados cometidos, mas o amigo imaginário tem outros planos para o ex-goleiro. Ignorado pela família e assediado por outros presos, Luca não se adapta a vida de detento, então comete suicídio.

A MÃE DE ANA é uma jovem exuberante, com um sorriso doce. Linda como uma boneca branca de cabelos negros, alongados. Exibida como um troféu por Luca, a mãe de Ana sofre em silêncio os abusos físicos e psicológicos do marido, mas quando o caso Alicate vem à tona, ela enxerga, pela primeira vez, uma oportunidade para mudar de vida: o pedido de divórcio. Luca descobre o plano secreto da esposa e numa discussão, acaba esfaqueando a própria mulher. Ele forja um acidente de carro para livrar-se do corpo e encobrir o crime que cometeu.



AMIR, promotor público, divorciado e quarentão de sucesso. O homem culto e dócil, com tese em Wittgenstein, revela sua “verdadeira” face após dar um tapa no rosto de Ana numa festa. O promotor, bom de oratória, não consegue reconquistar a ex-namorada, e sem imaginar que ela carrega um filho seu na barriga, ele busca vingança vazando vídeos íntimos do casal na internet e humilhando a reputação da jovem advogada. Porém, Amir precisa encarar as consequências, quando a influente Denise Albuquerque ajuda Ana a processar o canalha com um único objetivo em mente: mandá-lo para cadeia.

DENISE ALBUQUERQUE é a sócia fundadora de um dos escritórios mais renomados de advocacia de São Paulo. Durona e feminista, Denise carrega no currículo uma carreira brilhante, e aparece constantemente na mídia, participando de debates e reflexões sobre a misoginia e violência na cultura nacional. Seu mais novo projeto é um livro sobre a matança autorizada de mulheres—dez mil casos de feminicídio nos tribunais do país, sem solução. Ela entrega parte dessa missão para a jovem Ana e rapidamente a relação das duas muda, quando a novata é humilhada na internet após a divulgação de vídeos íntimos pelo ex. Mais do que uma chefe, Denise se torna uma amiga e mentora, defendendo Ana no caso contra o ex-namorado.

PERSONAGENS (ACRE)

A promotora experiente **CARLA PENTEADO** tem poder de resolver tudo: briga por terra, briga por mulher, roubos e assassinatos. Destemida, carrega o revólver na cintura desde que veio para o Acre, há quase quatro anos. Além de compreender a realidade local, Carla insere uma carga técnica, lecionando Ana sobre como o sistema penal brasileiro também atua como uma engrenagem que contribui para a normalização do assassinato de mulheres. Uma mulher ruidosa, e que, apesar de vivenciar uma violência espantosa na sua rotina, mantém uma atitude solar. Para Carla, a ingênua Ana é a irmã mais nova que o Acre lhe deu.

MARCOS: um caboclo bonito, surge sempre de camisetas coloridas e chamativas na recepção do hotel onde trabalha em Cruzeiro do Sul. Piadista, com seu jeito de olhar quase infantil, Marcos contagia Ana e injeta um pouco de humor na minissérie. Eles desenvolvem um relacionamento afetivo e Marcos introduz a advogada ao ritual do Ayahuasca na aldeia onde cresceu. Apesar do afeto entre os dois, o desejo que Marcos carrega de conhecer o corpo de Ana não é concretizado.

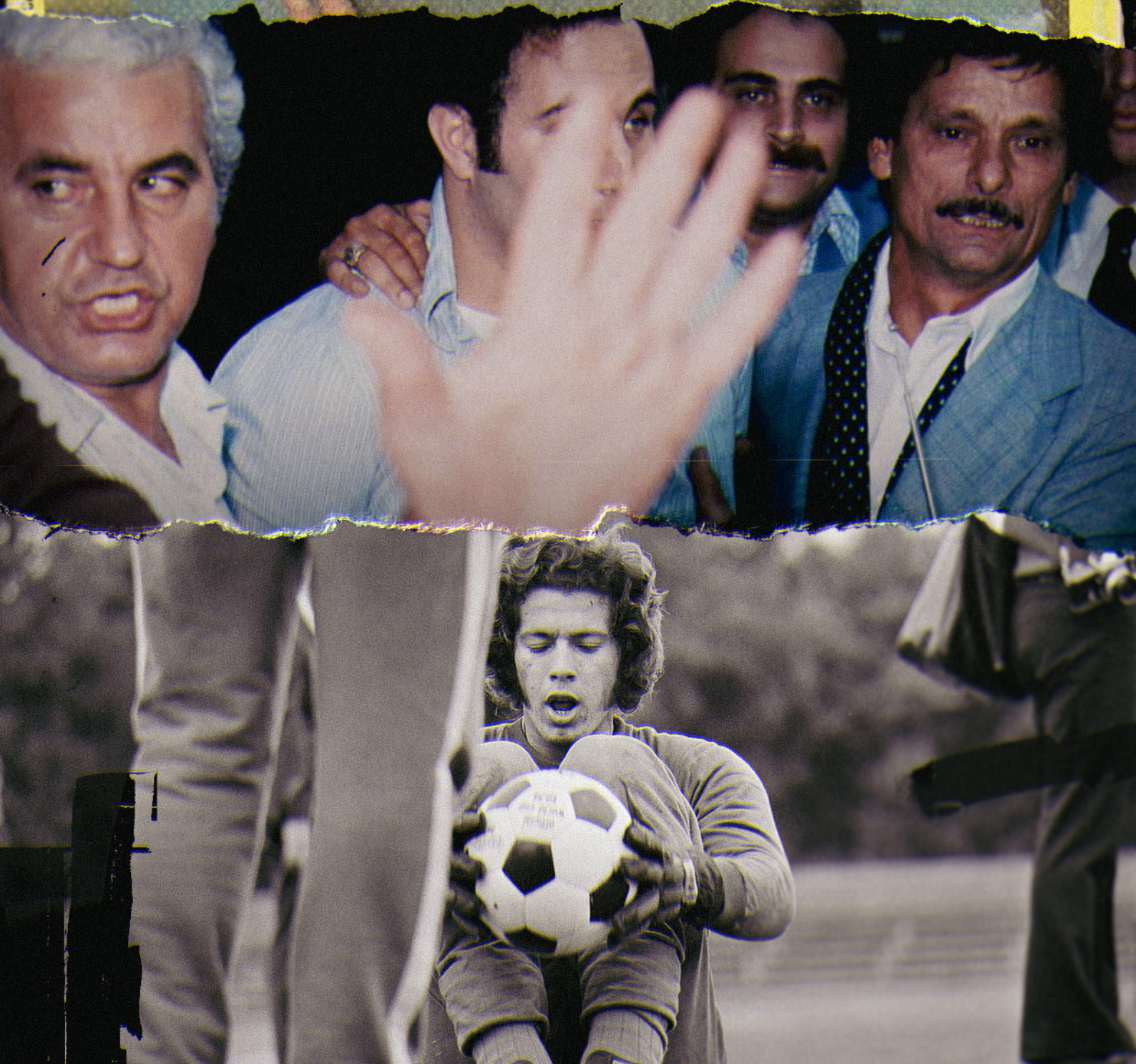
ZAPIRA. Avó de Marcos, é uma anciã sábia e reconhecida como uma poderosa xamã na aldeia Ch’aska. Sua experiência e conhecimento da floresta faz dela uma espécie de feiticeira, a que guarda os segredos, invoca os espíritos e sonha com profecias. Durante o ritual de Ayahuasca, a xamã ajuda Ana a recuperar a memória perdida dos traumas familiares. Ela navega com a advogada pelo mundo onírico e cura sua alma perturbada.

EXCLUSIVO

O CASO ALICATE

ESTUPRADOR? OU TRAVESSURAS?

R\$ 20,00 — Acre, Amapá, Amazonas, Pará



RITA é a editora do jornal local O Diário da Estrela, em Cruzeiro do Sul. Ela publica a reportagem com as fotos que Ana tirou escondida, quando a advogada flagrou três jurados e o advogado de defesa dos réus no caso Txupira, juntos numa “festinha” particular, expondo um sistema corrupto e mancomunado. Depois de receber anonimamente o celular de Txupira, com vídeos reveladores do crime contra a índia, Rita guarda o aparelho, mas acaba morta antes de entregá-lo à justiça.

O garotão **PAULO** exala sexualidade—doze anos mais novo que a namorada Carla Penteadó, é um homem simples, frágil e bipolar. Tem ciúmes de Ana, por “roubar” Carla quando as duas se tornam amigas. Paulo é preso depois de confessar que é o autor da chacina contra os três réus do caso Txupira. Segundo sua versão, o crime foi uma forma de proteger Carla dos playboys assassinos. E numa tentativa de reatar o namoro com a promotora, Paulo acaba atirando e matando a ex-namorada.

CRISÂNTEMO é um dos homens brancos, assassinos de Txupira. Junto com **ABELARDO** e **FRANCISCO**, o trio estupra e mata violentamente a índia de 14 anos. Mesmo sendo todos réus confessos no caso, o júri corrupto inocenta os três rapazes por falta de provas. Considerados heróis injustiçados na cidade, os playboys assassinos de Txupira representam os “Donos do Acre”—herdeiros dos seringalistas e das famílias tradicionais que mandam e desmandam na cidade. Após a repentina morte do trio numa chacina, a cidade entra em luto e dispara uma onda de retaliação contra os indígenas.

TXUPIRA: uma adolescente feliz, de olhos negros e beleza inocente. A índia de 14 anos estava sempre brincando com outras garotas nos arredores da aldeia. Ela usa a câmera do seu celular para capturar um vídeo que exhibe os três playboys numa operação de desembarque e ocultação de cocaína nas terras indígenas. Durante a gravação, os rapazes percebem a presença da índia e apesar da tentativa de fuga, Txupira acaba morta e o seu celular é tomado por Crisântemo. Com o rosto desfigurado, dentes frontais destruídos, duas costelas quebradas, boca amordaçada, mãos amarradas, camiseta rasgada e os peitos de fora, Txupira foi brutalmente estuprada e assassinada. Seus mamilos foram extirpados e dentro do seu útero haviam cacos de vidro. Seu corpo foi encontrado boiando de costas, as margens do igarapé.

TXUPIRA



*Brutalmente assassinada.
Estuprada e torturada,
tendo seu corpo mutilado.*

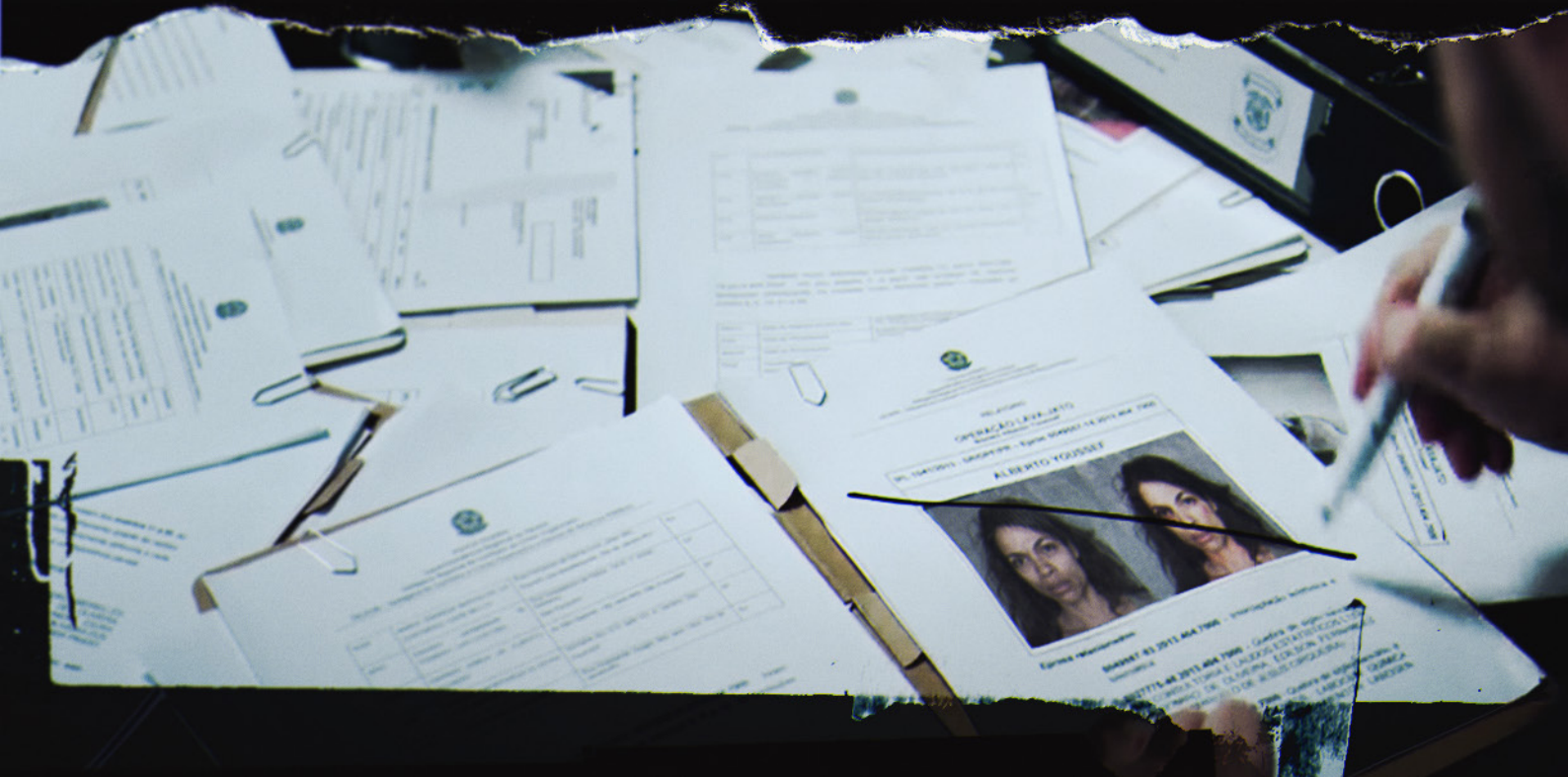
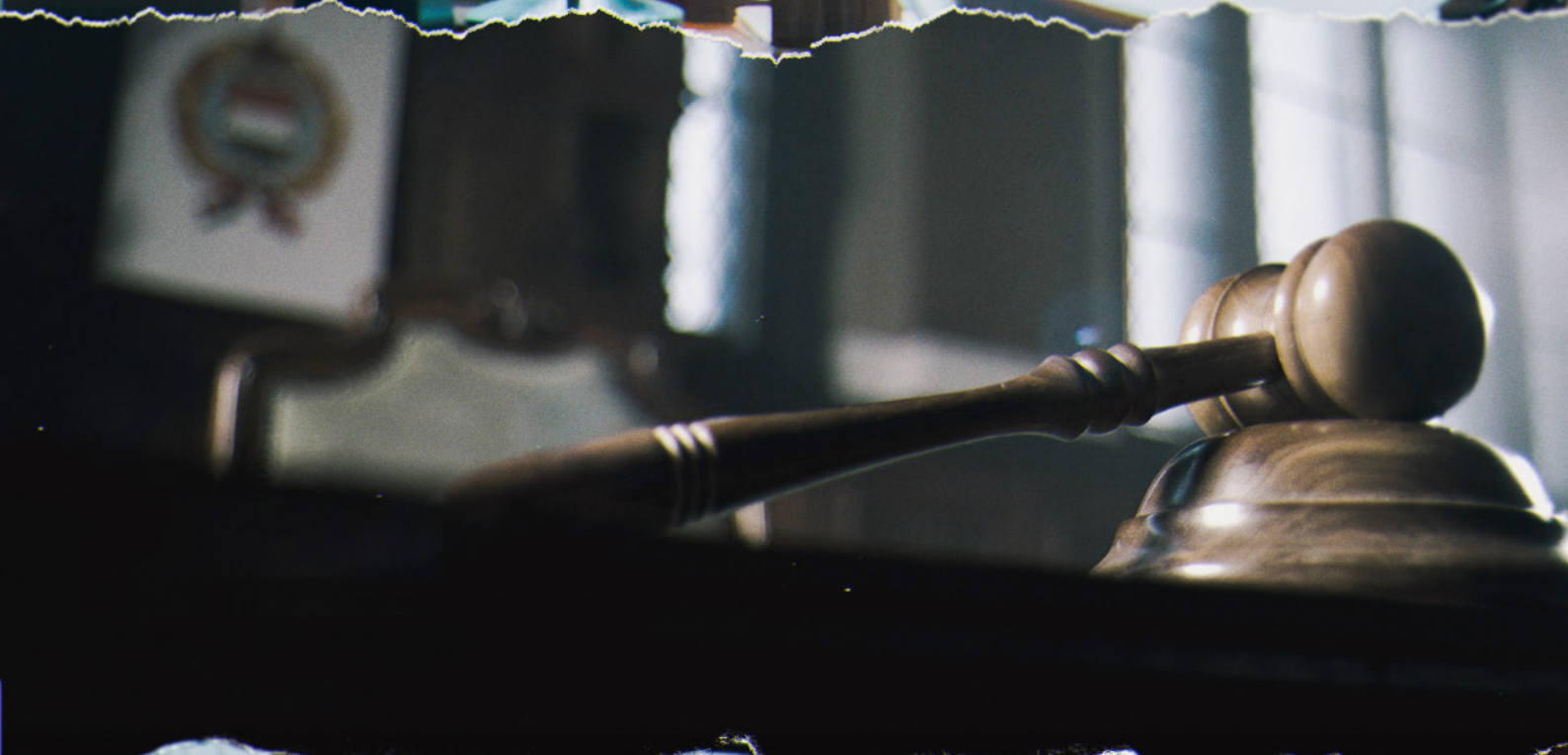


ESTRUTURA

A estrutura básica da minissérie é a divisão dos enredos em duas narrativas distintas; a grande narrativa (jornada para o Acre), no tempo presente, e as micro-narrativas no passado, que acompanham Ana a partir dos quatro anos de idade até sua fase adulta. Essa escolha reflete a propensão em que as novas séries do gênero tendem a operar, no qual o tema existencial, principalmente os mistérios pessoais dos próprios protagonistas, é o lugar onde a verdadeira investigação acontece—expandindo o tradicional formato “whodunit”. No caso de MULHERES EMPILHADAS, esse trançado entre a grande narrativa e as micro-narrativas, entre presente e passado, permite a possibilidade de posar perguntas existenciais de autoconhecimento, reflexão e cura, na qual somente a protagonista seria capaz de responder.

O formato “slow-burn” da minissérie ajuda na construção e solidificação do caráter das personagens, instigando arcos dramáticos potentes e reveladores. Os pulos no tempo através de flashbacks esclarecedores e a jornada da protagonista envolta em mistérios no Acre, formam encaixes harmoniosos e impõe uma cadência dramática, retendo a atenção e o interesse da audiência. A grande narrativa apresenta os desafios da protagonista em Cruzeiro do Sul—a trama, pontuada por suspense, crimes e processos de feminicídio, perturbam e desvelam uma realidade brasileira até então desconhecida por Ana. E de maneira intermitente, com brechas, que logo são ocupadas por micro-narrativas que recompõem o passado da protagonista, acompanhamos a trágica história da morte da sua mãe e a prisão do pai. Essa fragmentação do enredo também permite explorar diferentes pontos de vista, conforme avançamos no tempo cronológico da vida da protagonista. Por exemplo, as noites libertinas de Luca Alicate, seguido do cotidiano da esposa, vítima dos abusos físicos e morta após pedir o divórcio. Também podemos investigar como Dona Yolanda, que acredita que a filha morreu num acidente de carro, se torna uma avó superprotetora. E por fim, a criança Ana, quando testemunhou a briga dos pais que terminou em tragédia e transformou-se num trauma na sua vida adulta.

Não só o multiplot/multiprotagonismo oculto e disfarçado das personagens, mas também o papel do drama psicológico e introspectivo da protagonista, tornam MULHERES EMPILHADAS uma minissérie pungente e ambiciosa.





ESTRUTURA

Os principais pilares da trama podem ser divididos em quatro níveis:

1. Os crimes, em que a protagonista está direta ou indiretamente conectada.
2. Os processos jurídicos, quando Ana participa dos julgamentos ou estuda os casos e registra no seu caderno as histórias dos familiares das vítimas.
3. Os mistérios do passado (flashbacks), que aproximam Ana do trauma infantil e abrem o multi-protagonismo com as histórias dos pais e da avó.
4. A purgação mental e física da protagonista durante o ritual de Ayahuasca na aldeia. Em jornadas oníricas, Ana relembra com detalhes a morte da mãe e participa de vigorosas experiências visuais com os espíritos das guerreiras amazônicas.

Apesar do diálogo com o drama moderno e a predominância da investigação do caráter da protagonista nos episódios, MULHERES EMPILHADAS também carrega três agentes clássicos do plot/enredo: Voyage & Return, Rebirth e Overcoming the Monster. Portanto, o maior desafio da minissérie é a manutenção do equilíbrio entre plot e caráter—a continuidade na intensidade da trama e a transformação convincente da protagonista no final da sua jornada.

OS TRÊS AGENTES DO PLOT:

~~VOYAGE & RETURN~~

OVERCOMING THE MONSTER

REBIRTH



Desde o cotidiano da família em São Paulo, que nos lança numa viagem no tempo (flashbacks), até a jornada da protagonista no Acre, em tempo presente, podemos caracterizar cinco micro-universos dentro da minissérie:

As “casas” de São Paulo na década de 1980:

Tudo é permitido nos bordéis frequentados por jogadores de futebol na noite paulistana. Madrugadas regadas a bebida e tratamento cinco estrelas com as rainhas da noite—cafetinas poderosas, esquemas sofisticados e damas exuberantes, que encantam os atletas numa época em que o namoro entre prostitutas e jogadores de futebol não é raro.

O sistema jurídico penal e carcerário:

MULHERES EMPILHADAS trata da questão da invisibilidade da violência contra as mulheres, tanto da sociedade, como pelo Estado nos processos judiciais numa sociedade patriarcal, autoritária e machista. A minissérie também aponta para a necessidade de um olhar mais atento ao sistema carcerário, quando retrata a vida social dos presos através do encarceramento de Luca de Souza.

O Acre existe!

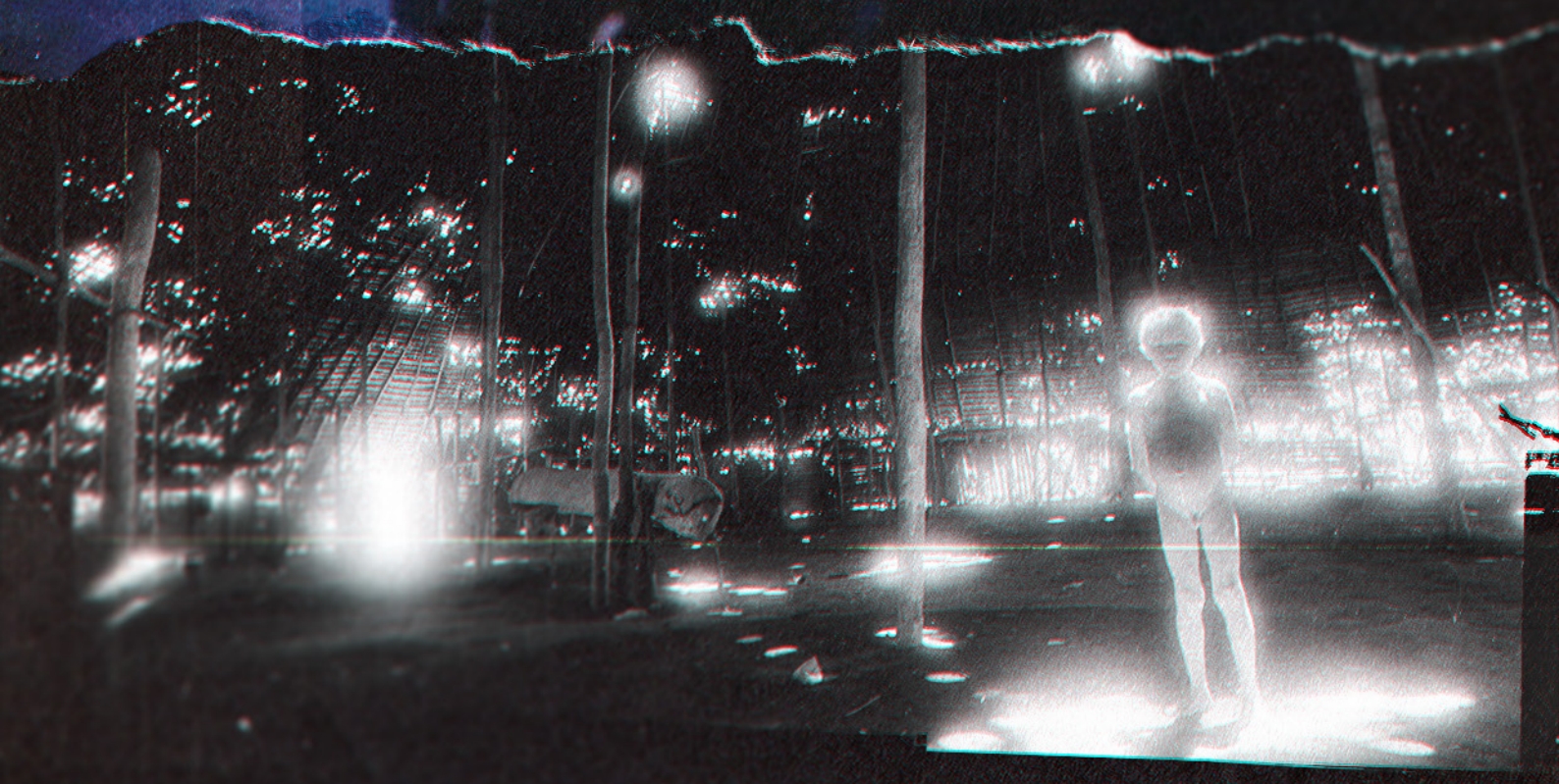
Invadimos, assim como os seringalistas, o cotidiano de um povo esquecido pelo governo e por Deus. A falta de estrutura em Cruzeiro do Sul, a desigualdade, e a decadência do fórum local, carregam o espírito de um Estado falido. Sem recursos, as advogadas trabalham com assessores destreinados e juízes corruptos. O Estado faz fronteira com dois países; Peru e Bolívia. Entra muita droga e muita arma.

Misticismo, xamanismo e cura:

A dimensão geográfica da trama possibilita uma imersão na floresta virgem e nos mistérios ocultos que ela carrega. Beber o chá de Daime e deixar o delírio tomar conta do corpo é uma forma da protagonista mergulhar numa realidade tão desconhecida, ainda que íntima. A ingestão de Ayahuasca como propósito de cura e seus efeitos característicos, provocam em Ana, imagens vívidas com os ancestrais da floresta e a evocação de memórias apagadas por traumas do passado.

O contraste das aldeias indígenas:

Enquanto na aldeia de Zapira (Ch'aska), cujas terras mais isoladas provém caça abundante para seus membros, a aldeia de Txupira (Kuratawa) continua sofrendo as consequências da invasão dos seringalistas. Cortada pela BR-364 e cercada por ocupações agrícolas, a situação da aldeia é de carência e miséria. Por um lado escolas foram desativadas pelo governo, por outro lado falta espaço para a roça e animais. O mato cresce e transborda de embalagens plásticas, que chegam ao rio contaminado por agrotóxicos. Pobres e abandonados, os Kuratawa sequer parecem indígenas.



TOM & ESTILO

A proposta cinematográfica da minissérie se diferencia quando passamos a tratá-la como um longo filme de 10 horas de duração. O tom, estilo e a cadência dos episódios deverão servir para o realismo da trama.

MULHERES EMPILHADAS trabalha com uma reconstituição de época; São Paulo nas décadas de 1980—sem tintas alegóricas ou estilização excessiva. A estética policial thriller/noir pode contribuir para uma produção autêntica e minimalista, enfatizando a mise en scene verdadeira e buscando sempre verosimilhança, gerando mais força ao conflito e à narrativa. A importância de uma estética naturalista, retratando a realidade social num “fim de mundo” esquecido pelo Estado, como também as cores berrantes da floresta, e o cotidiano das aldeias indígenas, transcendem o clichê, que muitas vezes, são utilizados nessas representações.

Com exceção das experiências oníricas da protagonista, não há comentários na direção de arte ou efeitos pirotécnicos na montagem ou direção dos episódios. O ilusionismo cinematográfico acontece de forma invisível e a produção desaparece para não competir com o drama.

the 2012 season.

ADORADOR DE ÍNDIO COMUNISTA!



ATAQUE NA ALDEIA CH'ASKA.
FOGO CRIMINOSO TOMA CONTA
DA REGIÃO.



EPISÓDIO 01

Depois de sofrer um tapa do namorado, a advogada Ana deixa a avó com Alzheimer e a vida em SP para viajar a trabalho para o Acre, com o propósito de acompanhar um mutirão de processos de feminicídios ocorridos na região—parte de um projeto da sua chefe na empresa onde trabalha. A agressão do ex-namorado Amir, despertou memórias borradas de um passado obscuro. Em 1987, a mãe de Ana sofre abusos frequentes do marido, Luca de Souza, conhecido como Luca Alicate. Além de ser um famoso jogador de futebol nos anos 1980 e ávido frequentador das casas noturnas de SP, Luca enfrenta uma grave acusação—seu envolvimento num estupro coletivo de uma adolescente de 13 anos.

EPISÓDIO 02

Na época, com o apoio dos torcedores e diretores do clube, Luca Alicate responde ao processo de estupro em liberdade, e o goleiro aproveita para deleitar-se na noite paulistana. Vinte e quatro anos depois, em Cruzeiro do Sul, no interior do Acre, Ana familiariza-se com o seu primeiro julgamento e conhece no tribunal Carla Penteado, promotora do caso Txupira, no qual uma jovem índia de 14 anos foi brutalmente estuprada e assassinada por três rapazes brancos. No meio da madrugada, Ana flagra e tira fotos de três jurados do caso, juntos com o advogado de defesa dos réus, numa festinha particular. Amir insiste em reatar o namoro e envia diversas mensagens no celular de Ana.

EPISÓDIO 03

Num júri marcado pela corrupção, os três assassinos de Txupira—todos herdeiros dos seringalistas—são inocentados. Marcos, recepcionista do hotel, leva Ana para um ritual de Ayahuasca e a advogada conhece Zapira, a poderosa xamã da aldeia. A experiência com o Daime, invoca fragmentos de memórias e sonhos vívidos com tribos de guerreiras Amazônicas, que lutam contra homens opressores. De volta à cidade, Ana pressiona Rita, editora do jornal local, para publicar uma matéria com as fotos dos homens mancomunados. Três dias depois, o caso Txupira é reaberto, mas o povo da cidade se revolta contra o jornal e Ana é expulsa do hotel pelo dono, que suspeita do envolvimento da advogada na reportagem recém-publicada. Em 1987, a esposa de Luca entra com o pedido de divórcio e com medo da reação do marido, ela foge com a filha Ana para a casa da mãe, Dona Yolanda.

EPISÓDIO 04

Carla oferece abrigo para Ana e o gesto de amizade causa ciúmes em Paulo, namorado da promotora. Pela primeira vez, Ana compartilha com a amiga sobre o tapa que levou de Amir e a memória apagada de sua infância trágica. Rita, editora que publicou a matéria condenando os assassinos, aparece morta e Carla desconfia que foi queima de arquivo. Ana acompanha o restante dos processos de feminicídio e manda o relatório final para sua chefe, em SP. Ela adia sua volta para SP e conseqüentemente é demitida por justa causa. Ana monta um caderno, onde registra os casos e relatos dos familiares das vítimas, com fotos e recortes das reportagens de todas as mulheres assassinadas. Em 1987, com quatro anos de idade, Ana passa o fim de semana no sítio do pai Luca. Suspeitando que o ex-marido possui um plano para ficar com a guarda da filha, a mãe de Ana decide buscá-la. O casal discute e Ana ouve gritos de desespero. Ela espia o pai, agachado, ao lado da mãe.



EPISÓDIO 05

Horas depois, na beira da estrada, Dona Yolanda e Luca Alicate assistem ao resgate de um veículo carbonizado. Dentro dele, encontra-se um corpo morto. O corpo é da mãe de Ana. A polícia confirma um acidente na estrada. A mãe de Ana perdeu o controle do carro, que acabou caindo num penhasco e pegando fogo. Em Cruzeiro do Sul, vinte e seis anos depois, Ana é surpreendida pelos três assassinos de Txupira numa boate. O trio tenta intimidá-la, mas ela reage violentamente e agride um dos jovens. Paulo aparece de surpresa, ajudando a controlar a situação, mas Ana é levada por policiais e passa a noite na delegacia. Amir, sem respostas da ex-namorada, não só vaza fotos e vídeos íntimos do casal, mas também publica o número do celular de Ana na rede, praticando o “revenge porn” como forma de vingança.

EPISÓDIO 06

A ex-chefe Denise, ajuda Ana no caso de revenge porn e promete colocar Amir na cadeia. Marcos convence a advogada a pintar o corpo com tinta de jenipapo na aldeia de Zapira. Durante o ritual, a xamã tem um presságio e ela anuncia o nascimento de uma criança. Hipnotizada pelos traços enigmáticos no corpo, Ana dorme e acorda vinte e quatro horas depois, no sofá de casa. Ela descobre que está grávida de Amir e durante a madrugada, os assassinos de Txupira são encontrados mortos. Ana e Carla observam o funeral e descobrem o local apinhado de gente. Há faixas com homenagem aos mortos e de protesto contra o crime; a cidade está enlutada. Em 1989, dois anos após a morte da filha, D. Yolanda, agora com a guarda da neta Ana, assiste pela televisão a cobertura do julgamento final do caso Alicate. Torcedores e apoiadores do jogador se aglomeram com faixas e cartazes na frente do fórum—Luca é preso e condenado a 12 anos por abuso e estupro coletivo de uma menor.

EPISÓDIO 07

De volta ao tempo presente, a polícia intima Ana, Carla e Marcos a deporem no inquérito sobre a chacina dos três rapazes. Após liberação, Marcos e Ana passam o resto do dia mergulhando nos igarapés, e quando voltam para a casa de Carla, encontram a promotora caída dentro de uma poça de sangue. Ana entra em choque e desmaia no local. Em 1989, a prisão de Luca virou um escândalo nacional e D. Yolanda refugia-se com a neta em casa, evitando os jornalistas. Na cadeia, enquanto Luca é forçado a tornar-se o técnico de futebol de uma facção criminosa dentro do presídio, do lado de fora, o seu advogado direciona de maneira muito hábil a opinião pública sobre o caso Alicate, numa tentativa de reduzir a pena. Em Cruzeiro do Sul, Ana acorda no hospital cercada por aparelhos médicos. Fraca, grávida e abalada pela morte da amiga, a advogada é amparada por Marcos, que a conduz para os cuidados de Zapira, na aldeia.



GOSTOSA! Linda...

**vc gosta também
de dar o cu?**

**Vou chupar
vc TODINHA...**

EPISÓDIO 08

Encharcada de suor, com febre e delírios, Ana passa os dias na rede de cipó. Zapira usa ervas de cura poderosa e a advogada tem alucinações frequentes. Ana relembra a morte da mãe com detalhes—o conteúdo onírico revela que o pai Luca esfaqueou e depois tramou o acidente de carro da esposa: de maneira calculista, Luca coloca o corpo da ex-mulher no carro, e junto com um amigo, empurram o veículo no precipício. Após desenterrar o trauma e recuperar essa memória, Ana começa o processo de cura, e lentamente se junta às atividades da aldeia. Ela decide voltar à SP quando Marcos aparece com a notícia de que Paulo confessou os dois crimes—foi ele quem matou os três rapazes e depois atirou em Carla. Desde a prisão em 1989, sem notícias da filha, à medida que os abusos físicos e psicológicos dos outros presos aumentam e o seu pedido de redução de pena é negado, Luca Alicate encontra salvação em Jesus Cristo e comete suicídio.

EPISÓDIO 09

Antes de voltar para SP, Ana faz questão de visitar Paulo no parlatório. Ela escuta a versão dos crimes pela boca do assassino e ignora o pedido para ser sua advogada de defesa. No aeroporto, Ana encontra na manchete do jornal local uma reportagem sobre “Os meninos do pó”. A matéria mostra imagens retiradas de um vídeo encontrado no celular de Txupira—os três assassinos enterrando pacotes de cocaína na terra da aldeia onde a jovem índia foi morta. A polícia achou o celular com o vídeo incriminador no apartamento de Rita. Dez anos atrás, em 2003, com vinte anos de idade e cursando a faculdade de Direito, Ana arranca folhas de artigos e reportagens de arquivo sobre sua tragédia familiar. D. Yolanda apresenta os primeiros sintomas de Alzheimer e Ana passa a cuidar diariamente da avó.

EPISÓDIO 10

O dia em que Ana sofreu o tapa: Amir e Ana mergulham juntos e tomam sol no clube. A tarde romântica é interrompida quando Amir precisa sair para atender um cliente. Horas depois, durante uma festa de confraternização, Amir tem uma crise de ciúmes e arrasta Ana para o banheiro. Em seguida, dá um tapa no rosto da jovem, que cai no chão. Ele deixa Ana sozinha, chorando, quando a porta de uma das cabines abre e revela uma mulher. A desconhecida, também é uma advogada. Ela ajuda Ana a se recompor, que treme e chora feito uma criança. No tempo presente, após quatro semanas no interior do Acre, Ana finalmente retorna a São Paulo. Ela usa as anotações do caderno que montou em Cruzeiro do Sul, para colocar no ar um site com relatos da sua tragédia familiar, da agressão do ex-namorado Amir, de Txupira, de Rita, de Carla, e da matança de todas as mulheres que ela estudou nos últimos tempos. Denise recontrata Ana e com a ajuda da advogada que testemunhou o tapa no banheiro, o trio se une. Juntas, elas entram com processo contra Amir. O site mulheresempilhadas.com viraliza na internet e mulheres de diversas regiões do país se organizam para uma manifestação contra o feminicídio. Ana aparece em reportagens e dá entrevistas para os canais de televisão, como a porta-voz do movimento—as guerreiras que Ana conheceu na floresta, agora tomam as ruas.



governo de Apolycyran
CONTRA O FEMINICÍDIO

MANIFESTAÇÃO CONTRA O FEMINICÍDIO

ISSO TAMBÉM DÁ UMA SÉRIE?

MULHERES EMPILHADAS é uma adaptação baseada/inspirada no romance de Patrícia Melo, e assim como na obra literária, a minissérie também foi pensada com um começo, meio e fim. Contudo, devido a algumas inovações na criação do enredo, personagens, e estrutura da versão adaptada, com o intuito de fortalecer o drama, não devemos descartar algumas ideias iniciais, que podem dar continuidade ao projeto.

A protagonista Ana, a sócia do escritório Denise e a advogada que testemunhou o tapa, podem tornar-se um trio poderoso no combate ao feminicídio, criando um formato mais tradicional de série procedural, como o “caso da semana”.

Há também a possibilidade de se aprofundar na vida de Ana como mãe e as dificuldades de criar uma criança, cujo pai (Amir) está preso. Dessa forma, voltamos a um dos temas da minissérie, da relação familiar entre pai e filha, do trauma infantil e da questão da mulher numa sociedade machista e violenta.

SS



- Q morta pelo|
- Q morta pelo
- Q morta pelo ex dentro da viatura
- Q morta pelo namorado
- Q morta pelo marido
- Q morta pelo ex
- Q morta pelo ex na viatura
- Q morta pelo pai
- Q morta pelo ex namorado
- Q morta pelo pcc
- Q morta pelo padrasto

Google Search

MULHERES

EM

PI

LHA

DAS

.COM